

ISSN 2526-0774

# HomaPublica

REVISTA INTERNACIONAL DE  
**DERECHOS HUMANOS  
Y EMPRESAS** 

Vol. VII | Nº. 01 | Jul-Dec 2023

Recebido: 23.01.2023 | Aceito: 13.12.2023 | Publicado: 20.12.2023

## **FAST FASHION E DESCARTE: A ATUAL PROBLEMÁTICA AMBIENTAL EM GANA**

### **FAST FASHION AND DISPOSAL: THE CURRENT ENVIRONMENTAL PROBLEM IN GHANA**

### **FAST FASHION Y DESECHO: EL PROBLEMA AMBIENTAL ACTUAL EN GHANA**

**Renata Marafon**

*Centro Universitário Unifacvest | Lages, Santa Catarina, Brasil | ORCID-ID 0000-0001-9177-3663*

**Roberto Miyashiro Junior**

*Centro Universitário Unifacvest | Lages, Santa Catarina, Brasil | ORCID-ID 0000-0002-8358-6814*

**Priscila Elise Alves Vasconcelos**

*Universidade Federal de Roraima | Boa Vista, Roraima, Brasil | ORCID-ID 0000-0001-8747-9920*

#### **Resumo**

O consumismo desenfreado, bem como uma indústria que visa somente o lucro através de artigos de moda constantemente renovados, são alguns dos culpados pela emergência climática que assola o planeta. Permeados pelo desejo humano de acompanhar as últimas novidades do mundo fashion, o efeito dessas ações resulta na acumulação de objetos descartados mesmo antes do fim de sua vida útil, pelo simples fato de estarem desatualizados pela coleção vigente. Somado a isso, insurge mencionar a manobra de muitas empresas em reproduzirem a moda da estação em versões mais baratas, com o fim de alcançar o consumo destas peças pelas classes mais pobres e, posteriormente, o descarte quase imediato. Nesse contexto, as peças que são descartadas ou que não foram vendidas, precisam ter uma destinação. O norte global encaminha para diversas nações menos desenvolvidas esse resíduo têxtil, criando verdadeiros “lixões” mundiais. Exemplo de país receptor desses resíduos é Gana, que tem enfrentado diversos problemas ambientais decorrentes do descarte desenfreado de países desenvolvidos, destruindo a própria natureza e biodiversidade. Apresentada a problemática, a pesquisa tem por objetivo demonstrar a situação atual de Gana em razão das montanhas de descarte têxtil acumuladas, tendo como objetivos específicos a apresentação dessa realidade, pouco demonstrada na mídia brasileira, expondo o conceito de fast fashion e suas consequências ambientais; a necessidade de conscientização no consumo; e de que forma a indústria pode colaborar para frear esse tipo de ação em consonância com a Agenda 2030. Para tanto, a pesquisa foi elaborada através de análise bibliográfica, dados oficiais e informativos jornalísticos que trazem a realidade local do objeto de estudo.

#### **Palavras-chave**

Moda rápida. Gana. Consumo. Moda. Sustentabilidade.

#### **Abstract**

Unbridled consumerism, as well as an industry that only seeks profit through constantly renewed fashion items, are some of the culprits for the climate emergency that is plaguing the planet. Permeated by the human desire to keep up with the latest news in the fashion world, the effect of these actions results in the accumulation of discarded objects even before the end of their useful life, simply because they are out of date with the current collection. Added to this, it is worth mentioning the maneuver of many companies to reproduce the season's fashion in cheaper versions, with the aim of reaching the consumption of these pieces by the poorest classes and, subsequently, their almost immediate disposal. In this context, pieces that are discarded or not sold must be disposed of. The global north sends this textile waste to several less developed nations, creating true global “landfills”. An example of a country receiving this waste is Ghana, which has faced several environmental problems resulting from the rampant disposal of developed countries, destroying nature and biodiversity. Having presented the problem, the research aims to demonstrate the current situation in Ghana due to the mountains of

accumulated textile disposal, with specific objectives being the presentation of this reality, little demonstrated in the Brazilian media, exposing the concept of fast fashion and its environmental consequences; the need for awareness in consumption; and how the industry can collaborate to stop this type of action in line with the 2030 Agenda. To this end, the research was developed through bibliographic analysis, official data and journalistic information that brings the local reality of the object of study.

### **Keywords**

Fast fashion. Ghana. Consumption. Fashion. Sustainability

### **Resumen**

El consumismo desenfrenado, así como una industria que sólo busca ganancias a través de artículos de moda en constante renovación, son algunos de los culpables de la emergencia climática que azota al planeta. Impregnados por el deseo humano de estar al día con las últimas novedades del mundo de la moda, el efecto de estas acciones resulta en la acumulación de objetos desechados incluso antes del final de su vida útil, simplemente porque están desactualizados con respecto a la colección actual. Sumado a esto, cabe mencionar la maniobra de muchas empresas de reproducir la moda de la temporada en versiones más económicas, con el objetivo de alcanzar el consumo de estas piezas por parte de las clases más pobres y, posteriormente, su eliminación casi inmediata. En este contexto, se deben eliminar las piezas que sean desechadas o no vendidas. El norte global envía estos desechos textiles a varias naciones menos desarrolladas, creando verdaderos “vertederos” globales. Un ejemplo de país que recibe estos residuos es Ghana, que se ha enfrentado a varios problemas medioambientales derivados de la eliminación desenfrenada de los países desarrollados, que destruye la naturaleza y la biodiversidad. Presentado el problema, la investigación tiene como objetivo demostrar la situación actual en Ghana debido a las montañas de desechos textiles acumulados, siendo objetivos específicos la presentación de esta realidad, poco demostrada en los medios brasileños, exponiendo el concepto de moda rápida y sus consecuencias ambientales. consecuencias; la necesidad de concienciación en el consumo; y cómo la industria puede colaborar para frenar este tipo de acciones en línea con la Agenda 2030. Para ello, la investigación se desarrolló a través de análisis bibliográfico, datos oficiales e información periodística que acerque la realidad local del objeto de estudio.

### **Palabras clave**

Moda rápida. Ghana. Consumo. Moda. Sostenibilidad.

## **1. INTRODUÇÃO**

Desde a Revolução Industrial, e a produção em larga escala, há uma constante e importante relação entre o equilíbrio da oferta e de seu respectivo consumo. Como parte de uma estratégia da busca por lucros cada vez maiores, a indústria, de modo geral, adotou a técnica da obsolescência programada de seus produtos, com o fim de incentivar a troca por novos modelos de sua linha de produção.

Isso vale tanto para eletrônicos, como para os itens da moda, por meio do lançamento contínuo de novas tendências, formando continuamente novos objetos de desejo como símbolo de novidade e sofisticação. A indústria do fast fashion tem por objetivo suprir esse tipo de necessidade de uma parte considerável de consumidores, ao almejar grandes lucros replicando itens de luxo de grandes marcas com menor qualidade e preço, visando atingir as massas, no movimento que Bauman chama de consumo líquido, você é o que você usa.

Grandes varejistas como Zara, H&M e Primark explodiram nos últimos anos adotando o Fast Fashion como produto, atraindo multidões de consumidores ávidos por saciedade do consumo a baixos preços, que serão logo substituídas pelas tendências da próxima estação, gerando a necessidade de descarte do material que sobrou, bem como daquele gerado pelo consumo humano que foi substituído no guarda-roupa, gerando verdadeiras montanhas de roupas em locais como o Deserto do Atacama e em Gana, na África.

A questão que envolve a destinação dos rejeitos têxteis, especialmente os oriundos da indústria do fast fashion apresenta questões problemáticas em toda a sua cadeia, desde sua produção, muitas vezes utilizando mão de obra barata e violando direitos humanos em países da Ásia, passando pelos problemas ambientais decorrentes do descarte inadequado ao fim de seu ciclo e se encerrando na ausência de responsabilização dessas multinacionais e na falta de conscientização dos próprios consumidores sobre a gravidade e a quantidade de poluição gerada por essa indústria.

Logo este estudo tem como objetivo geral demonstrar a situação atual de Gana, um dos principais destinos do lixo gerado pela indústria do fast fashion, e por objetivos específicos a apresentação dessa realidade, pouco demonstrada na mídia brasileira, expondo o conceito de fast fashion e suas consequências ambientais, não somente em Gana, mas em outros locais que também recebem esse tipo de descarte; a necessidade de conscientização no consumo e da importância da economia circular; e de que forma a indústria pode colaborar para frear esse tipo de ação em consonância com a Agenda 2030 e os objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Para tanto, a pesquisa foi elaborada através de análise bibliográfica, dados oficiais e informativos jornalísticos que trazem a realidade local do objeto de estudo.

## 2. QUE PAÍS É ESSE? UM BREVE RESUMO SOBRE GANA

Texto. Primeiramente, será apresentado um breve resumo sobre esse país não tão lembrado dentro de estudos no cenário brasileiro, para posteriormente ser demonstrado como ganhou os holofotes globais quando se fala em catástrofe ambiental.

Estudos arqueológicos demonstraram que o atual território de Gana possui vestígios de ocupação humana desde pelo menos 2500 anos antes de Cristo. Nos sítios arqueológicos de Kintampo e Boyase, por exemplo, foram encontrados artefatos e ferramentas bastante antigos feitos de pedra polida (sílex), esculturas em argila e inclusive evidências da criação de ovinos, bovinos e caprinos por meio da descoberta de ossadas desses animais. (Archeological. s.d) Já no período pré-colonial, o atual território de Gana foi ocupado majoritariamente pela etnia Akan, constituída por um agrupamento etnolinguístico que englobava os falantes dos idiomas Akyem, Anyi, Asante (Ashanti), Attié, Baule, Brong, Chakosi, Fante (Fanti) e Guang. Esses povos se estabeleceram em Gana em decorrência de sucessivas migrações ocorridas entre os séculos XI e XVIII. (Britannica, 2010).

Há muita correlação bibliográfica entre o antigo e poderoso Império de Gana e o atual país, contudo, não há evidência certa de que um teve ligação com o outro:

O moderno estado de Gana recebeu esse nome em homenagem ao império africano que floresceu até o século 13 e estava situado perto do Saara, no oeste do Sudão (veja Gana). O centro do império de Gana ficava a cerca de 500 milhas (800 km) a noroeste da parte mais próxima do estado moderno, e é razoavelmente certo que nenhuma parte deste último ficava dentro de suas fronteiras. A afirmação de que uma proporção apreciável da população de Gana moderna derivada de emigrantes do império não pode ser comprovada com as evidências disponíveis no momento. As fontes escritas referem-se apenas aos contatos muçulmanos com o império de Gana de cerca do século 8 ao 13 ou ao período desde o contato europeu com a Costa do Ouro - ou seja, a Gana moderna - que começou

no século 15. Muitos povos ganenses modernos possuem tradições orais bem preservadas, mas, embora algumas delas possam chegar já ao século 14, isso foi depois do desaparecimento final do império de Gana e essas tradições muito antigas frequentemente apresentam problemas consideráveis de interpretação. Pouco progresso foi feito até agora na ligação das tradições sobreviventes com as evidências arqueológicas disponíveis (Boateng, 2021, tradução nossa).

De acordo com Romero (2011), Gana foi um Império do Sudão Ocidental, sendo que seu nome tem origem do termo Ghana, que significa chefe de guerra, tem grande extensão territorial. Citando Lambert, este discorre que os povos da África subsaariana tinham grandes quantidades de ouro, mas não o sal que era produzido na África do Norte, de modo que Gana ficava no meio dessa rota e servia de intermediária dessas trocas: [...], o desenvolvimento do comércio pelas rotas transaarianas proporcionou o desenvolvimento de Gana, que comercializava tecidos, cobre e, principalmente, ouro (p. 189). Sobre a história do Império de Gana:

O Império de Gana prosperou no ocidente africano pelo menos do século VI ao XIII EC. Não conectado geograficamente com o estado moderno de Gana, o Império de Gana era localizado na região do Sudão Oeste (atual sul da Mauritânia e Mali) tendo o Saara ao norte e as florestas tropicais ao sul. O comércio era facilitado pela abundância de ferro, cobre, ouro, e marfim, e o fácil acesso pelos rios Níger e Senegal e seus afluentes. Os reis de Gana, vivendo na capital em Koumbi Saleh, tornaram-se extremamente ricos, construindo estoques das pepitas de ouro que somente eles eram permitidos a processar. Consequentemente, a reputação de Gana espalhou-se pelo norte da África e para a Europa, onde foi descrito como uma fabulosa terra de ouro. O Império de Gana desmoronaria a partir do século XII EC depois de secas, guerras civis, a abertura de rotas de comércio em outras localidades e a ascensão do reino Sosso (c. 1180-1235 EC) e depois, o Império de Mali (1240-1645 EC). (Cartwright, 2019, p. 1)

Talvez uma das melhores referências acerca do antigo Império de Gana seja o relato testemunhal inserido no “Kitāb al-Masālik wa-al-Mamālik”, que significa livros das estradas e reinos, escrito em Córdoba por volta de 1068 pelo espanhol al-Bakri, onde se mencionava uma grande fartura do monarca de Gana, que detinha o controle sobre uma economia muito variada a partir de uma capital cercada por muros de pedra e o monopólio sobre diversas minas de ouro. Tudo isso aliado a uma produção agrícola desenvolvida, tecelagem e o domínio da metalurgia, com o qual se fabricavam armas e ferramentas. A imagem passada do Império de Gana por Al-Bakri era de que se tratava de um grande oásis protetor ao sul do deserto do Saara (Santiago, s.d).

A título de ilustração da situação geográfica entre o antigo Império de Gana e o Estado moderno de Gana, seguem as seguintes ilustrações:

Figura 1 – The Ghana Empire



Fonte: Luxo, 2023

Figura 2 – Mapa de Gana



Fonte: Maps Ghana, s.d

Após esta breve apresentação sobre a possível ambiguidade verificada durante a pesquisa, voltemos agora aos fatos históricos ocorridos no território do atual estado moderno de Gana, já no período colonial.

## 2.1 O ESTADO DE COLÔNIA

Os portugueses foram os primeiros exploradores a chegar na região, ainda no século XV. Devido à grande quantidade de ouro existente na região, o local passou a ser chamado de Costa do Ouro. Já no século XVII, o povo achânti, etnia predominante no local, estabeleceu junto aos europeus um lucrativo comércio de escravos que perdurou até 1874, quando os britânicos derrotaram os achânti e transformaram a Costa do Ouro em colônia. (Britannica, 2021).

A independência do Reino Unido veio em 1957, sendo a primeira das antigas colônias africanas a conquistar sua autonomia. (Gana, s.d). Nos anos seguintes à independência, o país passou por um forte desenvolvimento econômico sob a presidência de Kwame Nkrumah. Contudo, um golpe militar em 1966 deu início a 15 anos de instabilidades econômicas e políticas, até 1981, quando se iniciou um novo período de crescimento econômico sob o comando do ditador Tenente Jerry Rawlings. Somente em 1991, cedendo a fortes anseios populares, Rawling promulgou uma nova Constituição devolvendo o poder aos civis (History, Language And Culture Of Ghana, 2021).

Atualmente, Gana possui uma das economias mais estáveis da África. O país realiza grandes exportações de ouro, diamante, manganês, bauxita e madeira, aliada à produção de cacau, que é a segunda maior do mundo. O país experimenta uma economia bastante diversificada para os padrões do continente. Entretanto, mesmo com esses avanços notáveis na atividade econômica, o país ainda detém diversos problemas socioeconômicos, com 10% da população subnutrida e apenas 10% das residências com ligação de esgoto. A expectativa de vida ao nascer é de apenas 59,4 anos e o Índice de Desenvolvimento Humano é considerado baixo, apenas 0,467 (Francisco, s.d).

Assim, ainda que o crescimento econômico experimentado nos últimos anos tenha sido notável, a maior parte das fontes de renda ainda giram em torno de serviços extrativos e intensos de capital, que não possuem tanta força na diminuição da pobreza em geral. O ambiente de negócios/empresarial no país também é bastante restrito devido ao limitado e não confiável sistema de fornecimento de energia, dificultando a expansão da produção e a geração de renda para os trabalhadores (Gana, 2021).

Apresentada a história local de Gana, explorada desde a chegada dos portugueses, demonstrando como sua situação econômica encontra-se totalmente dependente de exportação de matérias primas a países mais ricos, e dificultando o desenvolvimento de outras atividades mais rentáveis, é possível compreender como este fator colaborou para a catástrofe ambiental local, que será abordada nos próximos itens.

## 3. A INDÚSTRIA TÊXTIL E O FAST FASHION

De acordo com Sapper (2011), antes da Revolução Industrial, a sociedade era vista como de potencial produtivo e o consumo era algo de acesso somente de classes privilegiadas, depois, além de produtores, os seus membros passaram a ser vistos como consumidores e produto dessa sociedade. Em síntese, no século XIX, o consumo consistia em somente atender as necessidades básicas da pessoa. Já no século XX, passou a extrapolar o impulso do consumidor, tornando-se objeto de desejo, enquanto que, já no pós Segunda-Guerra, o foco passou a ser o consumo em

massa. Nas décadas de 70 e 80, o consumo passou a configurar a afirmação de status e posição social.

Muitos desses produtos, sendo de maior valor, não são acessíveis às camadas mais pobres da sociedade, e nesse contexto surge o fast fashion, conceito surgido no final dos anos 1990 para caracterizar a alteração cada vez mais veloz da moda (Delgado, 2008), onde marcas mais acessíveis replicam em larga escala aquilo que é idealizado pelas marcas de luxo, visando a venda às massas que almejam consumir o que a moda oferece de mais atual.

No contexto fast fashion, o consumidor escolhe seus produtos de acordo com o que lhe é possível pagar, optando por itens da moda atual (Carvalho, 2017). Ele pode ser entendido como uma cadeia de suprimentos de roupas que tem por destinação atender às últimas tendências de moda de forma rápida, com constante atualização de produtos disponíveis nas lojas. Geralmente a vida útil prática dessas roupas é curta, abaixo da vida útil técnica, ou seja, são utilizadas por menos tempo do que durariam, ou ainda, nem todos os itens são comercializados, ocasionando rápidos descartes que têm grandes impactos ambientais, já que logo devem ser substituídos pela tendência da nova estação.

O conceito, inclusive, amolda-se no termo cunhado por Bauman “consumo líquido”:

A vida do consumidor, a vida de consumo, não se refere à aquisição e posse. Tampouco tem a ver com se livrar do que foi adquirido anteontem e exibido com orgulho no dia seguinte. Refere-se, em vez disso, principalmente e acima de tudo, a estar em movimento (Bauman, 2008, p. 126).

Souza (2012) ao explicar o que seria o reflexo da modernidade líquida nas relações de consumo, relata que foi desenvolvida uma indústria de eliminação de resíduos, onde quanto mais rápido os produtos colocados à venda caem no desuso, na obsolescência, melhor para os empresários, responsáveis, proprietários para a fábrica de desejos, visto que as mercadorias são removidas e substituídas cada vez a menor tempo, e sua eliminação prescinde de depósitos adequados, tornando-se dessa forma um problema ambiental. Para o autor, a sociedade contemporânea tornou-se produtora de detritos não totalmente danificados.

A moda evoluiu conforme a sociedade, e nesse ramo há dois tipos de público: o que busca peças exclusivas de alta-costura e a indústria do fast fashion que atende grande parcela da população, produzindo artigos de moda em grande quantidade em nível até mesmo global (Carvalho, 2017).

Costa e Zaneti (2022), citando Lobo, Limeira e Marques, mencionam a moda como fenômeno sociocultural em constante transformação, sendo uma forma de manifestação dos hábitos de uma sociedade. Ou seja, é um movimento de expressão da personalidade, comercializada pelo seu valor agregado de componentes subjetivos que se originam da necessidade de pertencimento e acolhimento do indivíduo.

O fast fashion no cenário de globalização da moda, vê nesse negócio a possibilidade de democratização e acesso da moda por todas as classes sociais. No entanto, essa democratização vem, em realidade, mascarada pela obsolescência programada de produtos, caracterizados pelo

encurtamento da vida de produtos, tanto pela durabilidade, quanto por torná-los ultrapassados rapidamente:

Decisões da indústria tornam a duração dos produtos mais curtas, com o objetivo de incentivar o consumo de versões mais atuais. Ainda que o pensamento de redução dos custos de produção para geração de produtos mais acessíveis a novas classes sociais de consumo não tenha acontecido sob o foco do encurtamento do ciclo de vida desses mesmos produtos, invariavelmente, a utilização de insumos de qualidade inferior e, portanto, mais baratos, causam esse encurtamento da sua duração, transformando-os em descarte mais rapidamente (Costa e Zaneti, 2022, p. 133).

De acordo com Costa (2020), a expressão do fast fashion se consubstancia no surgimento de marcas famosas como Zara e a H&M, as quais colaboraram com a mudança de comportamento do consumidor. Assim, contribuíram substancialmente para o crescimento da indústria da moda, provocando uma mudança no comportamento do consumidor. Nesse sentido, a produção de peças de vestuário duplicou, bem como o número de artigos comprados anualmente pelo consumidor médio aumentou em aproximadamente 60%.

De acordo com Roussenq e Lins (2018), no tradicional método de confecção, as coleções são por semestres, sazonais, com um longo tempo de análise de estilistas, em torno de 24 meses, tendo como resultado, coleções com poucas peças e exclusivas visando com essa exclusividade, ter um bom desempenho comercial, diferente do fast fashion em que a produção já é feita de acordo com as tendências atuais, massificando o produzido nas coleções de grife com um preço competitivo. Complementando o conceito de moda rápida, Shimamura (2012) leciona o seguinte:

O modelo adotado pelas principais empresas do setor visa atingir públicos amplos, por meio de um mix de produtos em que se misturam peças semi-exclusivas e linhas básicas. As roupas produzidas no âmbito da moda rápida são conhecidas pelo design atualizado a preços acessíveis, porém também são associadas à baixa qualidade dos materiais e dos acabamentos, por isso receberam o rótulo de 'moda descartável'. Na cadeia de produção, essas empresas são alvo de constantes críticas, principalmente por meio de reportagens que denunciam a exploração de fornecedores terceirizados, que precisam cumprir preços e condições de prazo que levam à exploração da mão de obra. (Shimamura, 2012, p. 67).

Importante lembrar que, para além da globalização, a indústria têxtil apresenta outras problemáticas atinentes ao método de produção que utilizam químicos (dos componentes dos tecidos, tinturas utilizadas, entre outros) altamente poluentes e outros recursos não renováveis. Ainda, é possível mencionar questionamentos pertinentes à mão de obra dessas indústrias, localizadas em países geralmente pobres, utilizando mão de obra extremamente barata, jornadas exaustivas e em alguns casos, equiparáveis ao trabalho escravo, principalmente de mulheres e crianças, como no caso de Bangladesh (Altuntas; Turker, 2014).

Durante esse barateamento dos custos de produção pode-se citar a fragmentação da produção, onde por exemplo, a fabricação de zíperes ocorre a milhares de quilômetros de onde esses zíperes são costurados, realçando o absurdo do sistema de produção global.

As razões por trás dessa fragmentação podem ser, em primeiro lugar, a concorrência de preços entre as multinacionais e entre países produtores; em segundo, o aumento e inovação da tecnologia, que permite a comunicação, logística e transporte de forma mais rápida entre os



fornecedores; e, em terceiro, a economia global atualmente opta por concentrar atividades de produção em países do sul global e, as atividades gerenciais e o marketing, em países ocidentais (Drebes, 2014).

Desse modo, o maior problema do modelo fast fashion consiste no fato de que os consumidores passam a ver as roupas como produtos prontamente descartáveis. A título de exemplo, dados de 2018 indicavam que o americano médio jogava fora aproximadamente 36 quilos de roupas por ano. As roupas que não são encaminhadas diretamente para o aterro são encaminhadas para o comércio de roupas usadas e aproximadamente 500.000 toneladas de roupas são exportadas anualmente dos Estados Unidos para serem comercializadas em países de média e baixa renda em mercados de segunda mão (Bick, Halsey e Ekenga, 2018). Feitas as considerações necessárias, passar-se-á a apresentar a problemática de alguns dos países receptores do descarte têxtil, em especial, Gana.

#### 4. DO PROBLEMA DO DESCARTE DE ROUPAS NO PAÍS E ALTERNATIVAS PARA SUA MITIGAÇÃO

.Conforme reportagem demonstrada pela BBC News, o descarte de roupas do mundo do fast fashion tem causado uma verdadeira catástrofe ambiental em Gana, onde 15 milhões de peças são descartadas semanalmente no país, vindos, em sua maioria, da China, EUA e Europa, onde não podem ser comercializadas por serem de baixa qualidade ou danificadas:

Todas as semanas, mais de 15 milhões de peças de roupas usadas chegam a Gana, na África Ocidental, onde são disputadas por revendedores. Grande parte é de doações vindas da Europa, China e dos Estados Unidos. Mas hoje, muito do que chega nos lotes do exterior são peças de baixa qualidade ou danificadas, herdadas do mercado da "fast fashion" – marcado por roupas mais baratas e pouco duráveis. Poucas pessoas querem comprar esses produtos, fazendo com que fiquem encalhados e acabem sendo descartados em aterros, que já estão sobrecarregados. (O país que virou lixão...2021)

Figura 3 - Lixão em Accra, Gana, contendo itens do fast fashion e lixo eletrônico.



Fonte: Redação Hypheness, 2021.

Escancarando esse processo, tem-se que são produzidas anualmente 150 bilhões de roupas. Desses 150 bilhões, claramente existirão excedentes que precisam ser destinados para algum lugar

para dar lugar à moda da nova estação. É a marca do colonialismo atual, onde o Norte global camufla, como doação, o descarte de roupas para o sul global, quando na verdade, servem como aterro sanitário (Poerner, 2020):

Essas roupas têm uma história de vida interessante: normalmente, têm o tecido produzido na África Oriental, depois vão para Índia ou Bangladesh, são costuradas por mulheres (em suma) e transformam-se em roupas. Em seguida, são exportadas a preços baixos para países Europeus (80% daquilo produzido em Bangladesh vai para lá, conforme a OIT). Depois de viver um período curto de tempo compondo looks do dia, muitas dessas roupas são doadas. E acabam onde? No seu berço de origem. 70% das roupas doadas na Europa vão parar no continente africano, conforme a Oxfam [...] Essas roupas geralmente vêm dos EUA e da Europa, com uma quantidade expressiva da Península Arábica e da Ásia. As roupas que as pessoas no Ocidente doam para instituições de caridade locais e internacionais, bem como brechós, acabam sendo divididas em duas pilhas diferentes. Um é mantido para vender localmente e a grande maioria é embrulhada em fardos e embalada em contêineres enviados para a maioria dos países africanos, entrando pelos portos marítimos. Outras fontes dessas peças de vestuário são de empresas e comerciantes que enviam excesso de estoque ou rejeitam roupas que não podem ser vendidas devido a defeitos no design. Em alguns casos, no Sudão, essas roupas costumavam chegar por meio de instituições de caridade e igrejas, que costumavam levar para os cidadãos que viviam em campos em áreas devastadas pela guerra, que depois eram contrabandeadas por comerciantes para mercados em várias cidades (Poerner, 2020, p. 2-3).

Quando as roupas chegam em Acra, vão para Kantamanto, um dos maiores mercados de roupas em segunda mão da África Ocidental, que só existe em razão da superprodução bruta e subvalorização das roupas, tendo os Estados Unidos como líder em exportação. No entanto, para os vendedores, isso não significa mais dinheiro, afinal, quanto mais peças são doadas, maior a pressão para que vendam menos roupas por mais dinheiro. Boa parte das roupas, por serem de péssima qualidade, acabam nos lixões, gerando problemas ambientais e custo para transporte desses resíduos (Calheiros, 2022).

No entanto, o problema atualmente não é exclusividade de Gana. A logística de descarte tem criado o conhecido “cemitério de roupas” no deserto do Atacama, e, assim como em Gana, a origem desses produtos são países como Estados Unidos, Canadá, Europa e Ásia (Costa; Zanetti, 2022). As roupas que inicialmente foram destinadas à revenda, quando descartadas no local ao ar livre, emitem gases tóxicos durante a decomposição, e ainda, ocorre a liberação de microplásticos que em muitos casos chegam ao mar (El Cordillerano, 2022). Somado a isso, muitas peças acabam sendo contrabandeadas para o Peru, para a Bolívia e para Argentina (Añover, 2021).

Na África Oriental, até 40% das roupas usadas e exportadas para países como Quênia e Tanzânia, não têm valor de mercado e nada mais são do que resíduos têxteis. :

This briefing demonstrates how textile waste is often “disguised” as second-hand clothing and exported from the Global North to the Global South, to avoid the responsibility and costs of dealing with the problem of disposable clothes. While these exported used clothes and even brand new ‘overproduced’ clothes are mostly reported and recorded as “reused”, in fact nearly half of them end up in dumpsites, rivers or are burnt in the open (Greenpeace, 2022, p. 5).

No Brasil, é estimado que 170 mil toneladas de resíduos têxteis sejam descartados anualmente de forma irregular, acabando em aterros sanitários e lixões, podendo levar à contaminação de solo e lençóis freáticos (Estadão, 2023).

A indústria da moda é a segunda mais poluente do mundo, perdendo apenas para a indústria petrolífera (Luz, 2022). Um estudo realizado pela Organização das Nações Unidas, publicado em 2019, demonstrou que a produção mundial de roupas duplicou entre 2000 e 2014, bem como apontou a indústria têxtil como responsável por 20% do desperdício total de água a nível global (Costa; Zanetti, 2022). Outro dado interessante afirma que a indústria da moda é responsável, atualmente, por 10% das emissões anuais de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), de acordo com o grupo ambientalista Stand.earth (Exame, 2022).

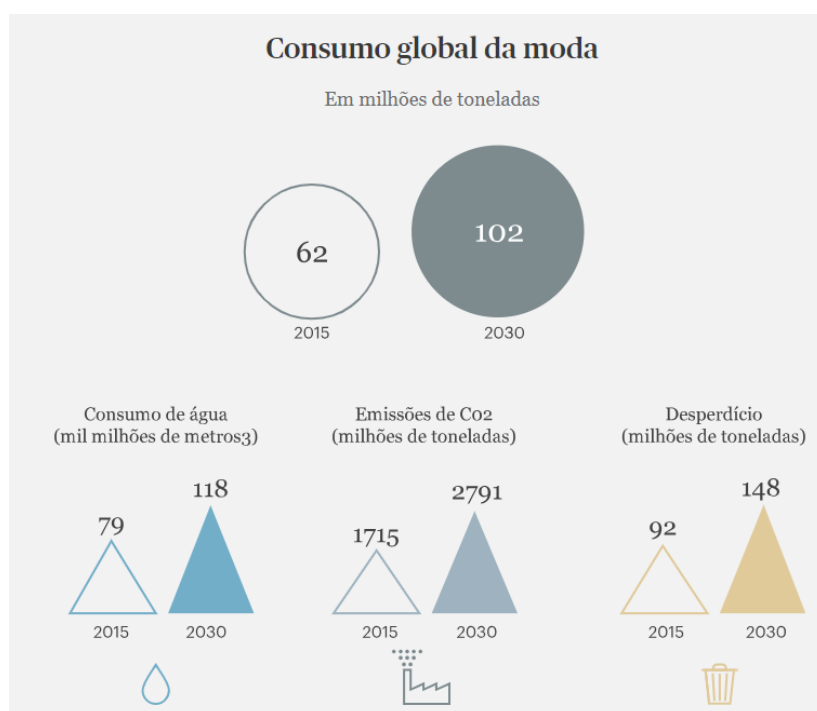
Estima-se que, por ano, são utilizadas 98 milhões de toneladas de recursos naturais. Entram nessa lista o petróleo para produzir fibras sintéticas, fertilizantes para crescer algodão e produtos químicos para produzir, tingir e fazer o acabamento de fibras e têxteis. Um dos maiores impactos do fast fashion em relação a produção de tecido (incluindo o cultivo de algodão) é que ele usa em torno de 93 bilhões de metros cúbicos de água anualmente. Como consequência, isso causa a escassez de água nas regiões ao redor. No entanto, a pegada ambiental causada pela indústria da moda e os impactos do fast fashion não estão restritos à produção e manejo das matérias primas. Em 2015 as emissões de gases de efeito estufa (GEE) advinda da indústria têxtil totalizou 1,2 bilhões de toneladas de CO<sub>2</sub>. Só temos noção do que isso representa quando fazemos algumas equivalências. Neste caso, 1,2 bilhões de toneladas de CO<sub>2</sub> representa mais do que todos os voos internacionais e transporte marítimo combinados. Some a isso o uso abusivo de substâncias tóxicas como pesticidas e tinturas. Como resultado, teremos impactos diretos à saúde de agricultores, trabalhadores de fábricas e do ambiente ao redor [...] Você sabia que 20% da poluição da água industrial do mundo é culpa do tingimento e tratamento de têxteis? Isso mesmo, são quantidades assustadoras de substâncias perigosas e produtos químicos jogados no meio ambiente. Nos últimos anos, a indústria têxtil tem sido identificada como uma das principais contribuintes para a contaminação de plástico no oceano. Foi estimado que cerca de meio milhão de toneladas de microfibras de plástico são derramadas no oceano durante a lavagem de têxteis à base de plástico, como poliéster, náilon ou acrílico que acabam no oceano todos os anos (Ecoassist, 2021, p. 2-3).

Figura 4 - custo da produção de um jeans da marca Levi's



Fonte: Abreu, 2017

Figura 5 - Consumo de recursos na moda



Fonte: Mendonça; Moutinho, 2019.

De acordo com a Fundação Ellen McArthur, um estudo realizado mostra que mais da metade das roupas de fast fashion são descartadas antes de um ano. O destino dessas roupas é pouco ecológico, visto que a produção de roupas dobrou nos últimos 15 anos e 73% dos resíduos têxteis são queimados ou enterrados em aterros sanitários; apenas 12% são destinados para a reciclagem, em sua maioria destinados para encher colchões, utilizados em isolamentos ou em panos de limpeza; e menos de 1% é usado para fabricar peças novas, ou seja, reciclados para voltar à cadeia produtiva dentro de uma moda sustentável (Ecoassist, 2021).

Precisa ser considerado, ainda, que, além das condições ambientais ocasionadas pelo descarte irregular, a indústria têxtil, nesse processo de redução de custos das roupas do fast fashion, utiliza-se de condições subumanas de emprego, trabalho infantil e escravo (Costa; Zanetti, 2022). Estas condições são apresentadas por Deva (2003) em um de seus artigos, ocasião em que relaciona como empresas multinacionais são acusadas comumente de violar direitos humanos, dentre eles a vida, o direito de desfrutar da vida, praticar tortura, trabalho escravo e degradante, tratamentos cruéis, privação de segurança pessoal, e, ainda, levando em consideração a pertinência ambiental, violam também o direito à saúde e o gozo de um ambiente limpo e saudável, implicando em um direito internacional inter-relacionado que reconhece a responsabilidade privada pela poluição causada. De acordo com o autor, muitos fatores colaboram para que multinacionais estabeleçam suas operações em países em desenvolvimento e subdesenvolvidos, incluindo mão-de-obra barata, poder de barganha nos acordos comerciais, tributação favorável, bem como regulamentações ambientais deficitárias, ou até mesmo, inexistentes.

No caso de Gana, o conflito retratado é passível de verificação sob duas vertentes: a primeira é a nítida ausência de justiça ambiental, conceituada como um tratamento justo, o qual envolve todas as pessoas independentemente sua raça, cor, nacionalidade e renda, as quais buscam o desenvolvimento sustentável e sua implantação por meio de políticas ambientais. Esse patamar somente será alcançável quando houver o comprometimento de todos os povos e a tomada de decisão realizada de forma igualitária entre as nações (United States Environmental Protection Agency, s.d).

Deve-se levar em consideração que o descarte de roupas em Gana (e a nível mundial) insurge em três dimensões de sustentabilidade, quais sejam, a sustentabilidade ambiental, social e econômica. No entanto, deve-se atentar que o desenvolvimento sustentável aplicável somente com base nesses três pilares é falho, pois implica que os trade offs sempre serão entre as dimensões ambiental, social e econômica. Como resposta a esse modelo, é feita uma distinção chamada de sustentabilidade forte, onde as compensações não são permitidas ou são restritas, e a sustentabilidade fraca, onde são permitidas. A crítica vem do conceito de que o “capital natural” (ecossistemas ou espécies) não pode ser negociado, mas na prática, as decisões governamentais sempre colocam o pilar econômico acima de outras dimensões da sustentabilidade, e essa é a razão pela qual o ambiente continua a ser degradado e o desenvolvimento não alcança a equidade (Adams, 2006).

De acordo com Adams (2006), esses pilares não podem ser tratados como se fossem equivalentes, porque, em primeiro, a economia emerge da sociedade, e o ambiente não é criado pela sociedade. Dessa forma, as trocas dificilmente reconhecem isso. Em segundo, o ambiente sustenta a sociedade e a economia por meio de seus recursos. Assim, é de suma importância a sociedade por meio de seus governos impor uma nova forma de atuação perante a economia, desestimulando o fast fashion, pois, sem a natureza, nem a sociedade, nem a economia, sobreviverão.

A segunda vertente do conflito a ser observada é o próprio dano ambiental decorrente do descarte desses têxteis no país. As fibras mais comumente utilizadas para a produção da moda rápida levam muitos anos para se decompor. A título de exemplo, o algodão leva entre 10 a 20 anos, os tecidos sintéticos entre 100 a 300 anos e o poliéster até 400 anos (Cambraia, 2021).

Somam-se a esses fatos os problemas socioeconômicos e de infraestrutura vividos pelo país e mencionados no primeiro capítulo e deparamo-nos com um grande problema do ponto de vista ambiental, visto que é notório que um Estado carente como este não conseguirá administrar a destinação correta de todo esse descarte.

Na contramão deste processo, visando a minimização da degradação causada pelo consumo desenfreado do fast fashion, surgiu o movimento slow fashion, o qual é baseado na premissa de produção de peças com maior qualidade e durabilidade, com a promessa de que pagando um pouco a mais, ter-se-ão produtos de longa vida útil, bem como, muitas vezes, utilizando-se de matéria-prima nacional, sendo uma forma de fortalecer a economia e gerar mais empregos (Muller, s.d).

A utilização de fibras sustentáveis, tais como as fibras celulósicas e proteicas naturais também causam menos danos à saúde humana e ao meio ambiente. O Lyocell, tecido feito a partir da celulose de bambu, possui 99% dos produtos químicos necessários à sua manufatura recicláveis. A sustentabilidade corporativa também constitui uma ferramenta importante para a mitigação deste problema, com a utilização de certificados válidos internacionalmente que garantam, por meio de auditorias, a sustentabilidade, o comércio justo e a segurança da cadeia de produção das fibras. Políticas comerciais, como a taxação de roupas e têxteis de países de baixa renda também são medidas a serem consideradas para a diminuição do incentivo a este tipo de produção, bem como a própria conscientização do consumidor na escolha de seus produtos (Bick, Halsey e Ekenga, 2018).

Outra alternativa é a mudança da economia capitalista para a economia circular, que busca métodos mais sustentáveis de modelos de negócios e mudanças nos padrões de consumo, que, até então, foram regidos por modelos de negócios baseados em processos de produção lineares e descartáveis. Esses novos modelos são baseados em ideais de fluxo contínuo de produtos e materiais, tanto na fase de produção como a de consumo. (Francisco; Gondak, 2020).

A metodologia da economia circular impacta a inovação em design de produtos, serviços e ainda, desafia o fast fashion, momento em que cria uma distinção entre consumo e uso de materiais, retendo continuamente a propriedade do produto e atuando como um prestador de serviços. Nesse cenário, também surge o consumo colaborativo como uma opção aos negócios convencionais, prolongando a vida útil das peças têxteis, podendo ser aplicada em vendas de segunda mão, ou brechós, aluguel, leasing e plataformas de compartilhamento (Francisco; Gondak, 2020).

Caminhando nessa direção, um estudo realizado pela HSR Specialist Researchers apresentou dados referentes aos consumos dos brasileiros. Dos 2.786 ouvidos em todas as regiões do país, 53% têm dado preferência a marcas de roupas e calçados que não prejudicam o planeta, em contraposição aos apenas 14% de cinco anos atrás. Houve também progressão no que se refere a economia circular. Em 2019, apenas 5% investiram em compras em brechós ou realizaram trocas de roupas com amigos. Hoje, esse número chega a 42%. Ainda, 59% dos entrevistados na pesquisa “Brasil Brasileiro” passaram a realizar compras conscientes, ao contrário de 16% cinco anos atrás (Extra, 2023).

Outra alternativa, já em implementação na União Europeia, trata-se da responsabilidade jurídica do produtor em casos de violação de direitos humanos ou má gestão de resíduos e poluição indiscriminada. Nesse sentido, não se fala de produtor apenas o responsável, geralmente terceirizado, pela confecção, e sim, o contratante da terceirizada, em grande parte marcas multinacionais que detêm a maioria do capital hábil a arcar com a responsabilização dessas ações, já que, muitas vezes, os produtores das peças se concentram em países pobres e nem sempre são bem remunerados para arcar com o problema isoladamente (Abreu, 2018).

Importante mencionar que, em 2023, ocorreu o Global Fashion Summit em Copenhagen, realizado pela Global Fashion Agenda (GFA), visando o encontro de representantes de diversos países com o intuito de reduzir os impactos causados pela indústria ao meio ambiente. Nesta edição

o tema foi o “Ambition to Action”, retratando a urgência em investimentos e ações que tragam impactos positivos em mitigar os danos causados pelas mudanças climáticas (ApexBrasil, 2023).

Foram apresentadas metas de redução na emissão dos gases do efeito estufa e redução do impacto na biodiversidade. A União Europeia definiu, ainda, estratégias para que, a partir de 2030, as empresas estabeleçam meios para atender exigências de respeito a direitos sociais e ambientais. Foi lançado ainda o “Sustainable Fashion Communication Playbook”, elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e pelo UN Climate Change, material que ressalta a necessidade de se promover um consumo consciente e sustentável (ApexBrasil, 2023).

## 5. CONSUMO CONSCIENTE COMO FORMA DE ATINGIMENTO DAS METAS DA AGENDA 2030

De acordo com Cenci, Manchini e Zeifert (2020), a mudança de paradigma dos planos prioritários da evolução resultaram na Agenda 2030, e ainda, na modificação dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Essas modificações se deram em razão da emergente necessidade de sustentabilidade planetária, com escopo nos setores econômicos, políticos, sociais e ambientais, buscando a garantia de formas humanizadas nessas mudanças. Assim apresentada, a Agenda 2030 prima por objetivos e metas que baseiem as ações governamentais e contribuam para seu desenvolvimento e efetivação (Cenci; Manchini e Zeifert, 2020).

Ainda, a Agenda 2030 aplica a responsabilização de cada país para garantia da efetivação dos ODS's, por meio de adequações internas (Cenci; Manchini e Zeifert, 2020).

Além disso, a Agenda 2030 visa o atingimento de 17 objetivos, quais sejam:

Figura 6 - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU



Fonte: Nações Unidas - Brasil

É conceituado como produção sustentável “a incorporação, ao longo de todo o ciclo de vida, de bens e serviços, das melhores alternativas possíveis para minimizar os custos ambientais e sociais” (Palhares et al., 2018, p. 13). Já a compra sustentável é descrita como a relação comercial onde o fornecedor tende a oferecer ao cliente elementos que comprovem que, durante a confecção do produto, ou durante sua distribuição, tenham valores econômicos, ambientais, sociais, com o fim de promover a sustentabilidade global, e o cliente, em seu turno, adota critérios objetivos que influenciam sua opção pelo produto. (Palhares et al., 2018).

Ainda, é possível encontrarem-se conceitos como o consumo ético, que trata do consumo mesmo que se pague um preço maior em relação a outros itens por um produto que tenha um compromisso ético em seu modo de produção, respeitando compromissos ambientais e sociais. Ainda, pode-se falar em consumo ecológico, termo mais popular, ligado à responsabilidade ambiental, social e princípios éticos e com componentes comunitários, tais como formação de cooperativas e consumo compartilhado (Barbosa, Branchi e Ferreira, 2021).

A mudança de paradigma ao consumir não envolve somente a busca por produtos sustentáveis, mas inclusive, desatrelar a qualidade de vida e bem-estar da necessidade de consumo, em economia de energia, matérias-primas, redução na utilização de automóveis, induzimento à utilização do transporte coletivo, bem como fortalecimento dos laços entre familiares e amigos em detrimento da compra desenfreada como busca de satisfação pessoal, sendo essa a verdadeira qualidade de vida (Oliveira, 2012).

Logo, a mudança nos padrões de consumo atuais, apesar de ser contrário ao sistema capitalista em voga na atualidade, é de suma importância para o atingimento das metas da Agenda 2030, em especial o Consumo e Produção Responsáveis, e a Ação Contra a Mudança Global do Clima. Em que pese a vagarosa conscientização da população mundial quanto ao assunto, principalmente após décadas sendo doutrinada em sentido contrário, a necessidade é urgente, visto que a manutenção do sistema atual implicaria em um colapso.

Isso não implica em responsabilizar somente o consumidor pelos problemas gerados pelo fast fashion, mas também em responsabilização das empresas no pré, durante e pós produção, pelos resíduos por si gerados, e, ainda, pela obsolescência programada em todos os tipos de produtos eletrônicos e têxteis, aliando péssima qualidade de roupas com troca constante de tendências das estações, impulsionando o desejo do consumidor na aquisição de novos produtos.

## 6. CONCLUSÃO

Com o advento da indústria como a conhecemos, por meio da Revolução Industrial, diversas empresas surgiram e alcançaram seu auge de lucros através do baixo custo de produção, exploração de mão de obra e ainda, com vendas de produtos a preços altíssimos, ou gerando lucro por meio da quantidade produzida. Nesse quesito, a indústria têxtil foi uma das que mais se destacou, colocando no mercado produtos que ensejaram desejo, sofisticação, bem como eram demonstração de poder aquisitivo e refinamento.



No entanto, visando a manutenção da lucratividade, muitas indústrias iniciaram um processo de obsolescência programada de seus produtos, fazendo com que os consumidores precisassem trocar seus itens com cada vez mais celeridade, e a moda não ficou atrás disso, por meio do lançamento de novas tendências a cada estação, por exemplo com a cada verão, novas peças de roupas serem lançadas, iniciando uma corrida por parte dos consumidores para adequarem-se às tendências. Nesse ponto o mercado de luxo mantém seus consumidores, no entanto, outras indústrias mantêm-se da venda massiva de produtos para classes menos abastadas, e para alcançar esse público, produzem-se produtos em maior quantidade, menor preço e menor qualidade.

Em razão da necessidade de manterem-se as vendas dos novos produtos na estação seguinte, as peças não vendidas, bem como as descartadas pelos consumidores para dar espaço a novas peças no guarda roupa tem destinos muitas vezes desconhecidos, sendo enviados em formas de doação ou revenda em países do sul global a exemplo de Gana, muitas vezes acabando em lixões a céu aberto e gerando problemas ambientais em razão da liberação de produtos tóxicos e do tempo necessário para decomposição. Outro país enfrentando problemas semelhantes é o Chile, através do cemitério de roupas que tem se formado no deserto do Atacama.

Gana, historicamente, passou pelo subterfúgio da colonização de portugueses e ingleses, e ainda hoje, tem se rendido à exploração de multinacionais tanto na exploração de recursos naturais como ouro e outros metais, bem como se tornou um destino do lixo do norte global, e no caso específico deste estudo, o descarte têxtil. Logo, de certa maneira o estado de colônia de Gana não acabou. Retiram o que gera lucro e despejam o refugo.

No entanto, a despeito do descarte desses resíduos, o problema não se restringe ao país, visto que precisa-se pensar nas problemáticas atinentes à produção dessas roupas, muitas vezes utilizando trabalho mal remunerado e produtos tóxicos no país de origem, ou seja, também acabam sendo explorados por estas multinacionais.

Não se pode culpabilizar somente o consumidor na aquisição desses produtos, apesar da necessária conscientização sobre as formas de consumo consciente. No entanto, visando o atingimento das metas do desenvolvimento sustentável, a maior parcela da responsabilização e mitigação dos danos deve vir das multinacionais responsáveis pela encomenda, produção e comercialização desses produtos, através de parcerias governamentais, reformas tributárias e fiscais e estudos sobre destinação dos resíduos.

A nível do consumidor, incentivar medidas como a adoção do slow fashion referenciado anteriormente, consumo consciente e economia circular, dando sobrevida às peças que estejam em bom estado de uso, evitando seu descarte antecipado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | REFERENCES | REFERENCIAS

Abreu, B. C. (2018) O direito internacional do ambiente e a indústria têxtil: o papel do direito em busca de soluções equitativas e sustentáveis para o modelo fast fashion de produção. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra]. Acesso em 11 de dezembro de 2023:

<https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/85737/1/TESE%20BIANCA%20ABREU%20-%20FDUC%20docx.pdf>

- Abreu, N. (2017). O que a etiqueta não mostra! Os impactos socioambientais da moda tradicional. Acesso em 12 de dezembro de 2023: <https://autossustentavel.com/2017/12/o-que-etiqueta-nao-mostra-impactos-industria-moda.html>
- Adams, W. M. (2006) The future of sustainability: Re-thinking environment and development in the twenty-first century.
- Altuntas C. & Turker, D. (2014) Sustainable supply chain management in the fast fashion industry: An analysis of corporate reports. *European Management Journal*, v. 32, n. 5, p. 837-849.
- Añover, A. (2021) Por qué el desierto de Atacama se há convertido en um vertedero de ropa. Acesso em 24 de março de 2022: <https://www.larazon.es/internacional/20211120/gttjwol3fbbr7f2obgutxkovj e.html>.
- ApexBrasil. (2023) Global Fashion Summit: os novos compromissos sustentáveis para o setor. Acesso em 12 de dezembro de 2023: <https://apexbrasil.com.br/br/pt/conteudo/noticias/-global-fashion-summit.html>
- Archaeological. (s.d). Sites and other sites of historical-cultural relevance to Ghana. Acesso em 29 de agosto de 2022: <https://www.ghanamuseums.org/archaeo-sites-others.php>.
- Barbosa, A. M, Branchi, B. A., & Ferreira, D. H. L. (2021) A influência da Agenda 2030 no consumo sustentável através de uma análise das publicações acadêmicas. Acesso em 14 de setembro de 2022: <https://www.eventoanap.org.br/data/inscricoes/10023/form4974282076.pdf>
- Bauman, Z. (2008) Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bick, R., Halsey, E., & Ekenga, C. C. (2018) The global environmental injustice of fast fashion. *Environ Health* n.17, p.92. Acesso em 14 de setembro de 2022: <https://ehjournal.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12940-018-0433-7>
- Boateng, E. A., Maier, D. J., Oliver, D., & Fage, J. D. (2021) "Gana". *Encyclopedia Britannica*. Acesso em 04 de agosto de 2022: <https://www.britannica.com/place/Ghana>.
- Britannica, T. Editors of Encyclopaedia. "Akan. (2010) "Enciclopédia Britânica. Acesso em 29 de agosto de 2022: <https://www.britannica.com/topic/Akan>
- Calheiros, S. (2022) Sabe até onde podem ir parar as roupas velhas que deita fora? Acesso em 06 de dezembro de 2023: <https://visao.pt/atualidade/sociedade/2022-12-16-sabe-ate-onde-podem-ir-parar-as-roupas-velhas-que-deita-fora/>
- Cambraia, S. (2021) Fast fashion e os impactos no meio ambiente. Acesso em 03 de agosto de 2022: <https://blogfca.pucminas.br/colab/fast-fashion-meio-ambiente/>.
- Carvalho, W. (2017) Moda e economia: fast fashion, consumo e sustentabilidade. [TCC de Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Sócioeconômico]. Acesso em 29 de agosto de 2022: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/178760>
- Cartwright, M. Império de Gana. Traduzido por Pinto, Antônio Augusto Paganelli. (2019) Acesso em 28 de agosto de 2022: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-11778/imperio-de-gana/>
- Cenci, D. R., Manchini, A. S. R., & Bagetti, A. P. Z. (2020) A justiça social e a agenda 2030: políticas de desenvolvimento para a construção de sociedades justas e inclusivas. *Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas (UNIFAFIBE)*, v. 8, n. 2, p. 30-52.

- Costa, M. B. P. M. (2020) Fast fashion: o impacto de linhas sustentáveis na imagem de marca. [Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Economia e Gestão]. Acesso em 29 de agosto de 2022: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/20673>
- Costa, M. F. B. F., & Zaneti, I. C. B. B. (2022) Impactos ambientais do fast fashion: o lixão têxtil internacional do Atacama, Chile. *Revista Tecnologia e Sociedade*, v. 18, n. 53, p. 129-140. DOI: 10.3895/rts.v18n53.15794
- Drebes, M. J. (2014) Impediments to the implementation of voluntary codes of conduct in production factories of the Global South: so much to do, so little done. *Third World Quarterly*, v. 35, n. 7, p. 1256-1272.
- Delgado, D. (2008) Fast fashion: estratégia para a conquista do mercado globalizado. *ModaPalavra e-periódico*, núm. 2, agosto-diciembre,, pp. 3-10 Universidade do Estado de Santa Catarina Florianópolis, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5140/514051713003.pdf> Acesso em 28 ago. 2022.
- Deva, S. (2003) Human Rights Violations By Multinational Corporations and International Law: Where from Here? *Connecticut Journal of International Law*, v. 19, p. 1-57.
- Ecoassist. (2021). Impactos do fast fashion e moda consciente como alternativa sustentável. Acesso em 12 de dezembro de 2023: <https://ecoassist.com.br/impactos-do-fast-fashion-e-moda-consciente-como-alternativa-sustentavel/>
- El Cordillerano. (2022) La historia del “basurero del mundo” en el desierto de Chile. Acesso em 06 de dezembro de 2023: <https://www.elcordillerano.com.ar/noticias/2022/03/19/130207-la-historiadel-basurero-del-mundo-en-el-desierto-de-chile>.
- Estadão. (2023) Como o fast fashion pode afetar o meio ambiente? Acesso em 12 de dezembro de 2023: <https://summitagro.estadao.com.br/sustentabilidade/como-o-fast-fashion-pode-afetar-o-meio-ambiente/>
- Exame. (2022) Fast Fashion: como a moda pode ameaçar o meio ambiente? Acesso em 12 de dezembro de 2023: <https://exame.com/negocios/fast-fashion-moda-ameacar-meio-ambiente/>
- Extra. (2023) Pesquisa revela que crise climática já impacta consumo dos brasileiros, que excluem marcas e apostam em brechós. Acesso em 12 de dezembro de 2023: <https://extra.globo.com/economia/noticia/2023/12/pesquisa-revela-que-crise-climatica-ja-impacta-consumo-dos-brasileiros-que-excluem-marcas-e-apostam-em-brechos.html>
- Francisco, A. C., & GONDAK, M. O. (2020) Avaliação de práticas sustentáveis em modelos de negócios da indústria têxtil de moda rápida (fast fashion). *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 2, p. 5894-5905.
- Gana. (s.d). Acesso em 01 de setembro de 2022: <https://www.dw.com/pt-002/gana/t-19479255>
- Gana. (2021) In britannica Escola. Acesso em 06 de agosto de 2022: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Gana/481370>
- Gana. (2021) Acesso em 01 de setembro de 2022: <https://www.gh.undp.org/content/ghana/en/home/countryinfo.html>.
- Greenpeace Germany. Poisoned Gifts - from donations to the dumpsite: textiles waste disguised as second-hand clothes exported to East Africa. Acesso em 12 de dezembro de 2023: <https://www.greenpeace.org/static/planet4-international-stateless/2022/04/9f50d3de-greenpeace-germany-poisoned-fast-fashion-briefing-factsheet-april-2022.pdf>

- History, language and culture of Ghana. (2021) Acesso em 01 de setembro de 2022:  
<https://www.worldtravelguide.net/guides/africa/ghana/history-language-culture/>
- Lins, H. N., & Roussenq, D. (2018) Fast fashion e trabalho (in)digno: o caso Zara Brasil. Acesso em 29 de agosto de 2022: <http://periodicos.unesc.net/seminariocsa/article/viewFile/4733/4326>
- Luxo. The Ghana Empire. (2013) Acesso em 06 de dezembro de 2023:  
<https://www.worldhistory.org/image/1104/the-ghana-empire/>
- Luz, S.. (2022) Indústria da moda é a segunda mais poluidora do mundo, aponta estudo. Acesso em 12 de dezembro de 2023:  
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/economia/audio/2022-10/industria-da-moda-e-segunda-mais-poluidora-do-mundo-aponta-estudo>
- Maps Ghana. (s.d). Acesso em 06 de dezembro de 2023:
- Mendonça, C, & Moutinho, V. (2019) A pegada da nossa roupa. Acesso em 12 de dezembro de 2023:<https://www.publico.pt/2019/11/29/infografia/pegada-roupa-391>
- Muller, M.(s.d) Gana e a insustentável pobreza de vestir o lixo alheio. Acesso em 03 de setembro de 2022:  
<https://bellamais.correiodopovo.com.br/colunistas/madeleine-muller/gana-e-a-insustent%C3%A1vel-pobreza-de-vestir-o-lixo-alheio-1.712338>
- Oliveira, J. C. C. (2012) Consumo sustentável. Veredas do direito: Direito Ambiental e desenvolvimento sustentável, v. 9, n. 17, p. 79-79.
- O país que virou lixão de roupas de má qualidade dos países ricos. (2021) Acesso em 03 de setembro de 2022: <https://www.bbc.com/portuguese/media-58911546>
- Os objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. (s.d) Acesso em 01 de setembro de 2022:  
<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>
- Palhares, J. C. P et al. (2018) Consumo e produção responsáveis. Acesso em 01 de setembro de 2022:  
<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/184241/1/ODS-12-Consumo-e-producao-responsaveis.pdf> Brasília: Embrapa.
- Peters, G. M, Sandin, G., & Zamani, B. (2017) Life cycle assessment of clothing libraries: can collaborative consumption reduce the environmental impact of fast fashion? *Journal of cleaner production*, v. 162, p. 1368-1375.
- Poerner, B. (2020) Para onde vai tanta roupa: o colonialismo moderno disfarçado de doação. Acesso em 03 de setembro de 2022:  
<https://www.cartacapital.com.br/blogs/fashion-revolution/para-onde-vai-tanta-roupa-o-colonialismo-moderno-disfarçado-de-doacao/>
- Redação Hypeness.(2021) Como Gana se tornou 'lixão' de roupas de má qualidade dos países ricos. Acesso em 06 de dezembro de 2023:  
<https://www.hypeness.com.br/2021/10/como-gana-se-tornou-lixao-de-roupas-de-ma-qualidade-dos-paises-ricos/#>
- Romero, F. (2011) Os reinos sudaneses - pujança econômica e cultural na África medieval. *Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)*, v. 2 nº 3 p. 187-197 Acesso em 26 de agosto de 2022:  
<https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/2929>
- Santiago, E. Império de Gana. (s.d) Acesso em 29 de agosto de 2022:  
<https://www.infoescola.com/historia/imperio-de-gana/>

Sapper, S. L. Consumo: a engrenagem do fast fashion. (2018) DAPesquisa, Florianópolis, v. 6, n. 8, p. 687-703, 2018. DOI: 10.5965/1808312906082011687

Shimamura, E. (2012) O fast fashion e a identidade de marca. Revista Científica de Design, v.3 n. 2 p. 67. Acesso em 02 de setembro de 2022:  
<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/14269/1218>

Souza, W. M. L. (2012) Uma excursão pelo contemporâneo a partir do conceito de modernidade líquida de Zygmunt Bauman. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso].

United States Environmental Protection Agency. (s.d) Acesso em 02 de setembro de 2022:  
<https://www.epa.gov/environmentaljustice>.

**Renata Marafon**

*Mestranda em Direito e Desenvolvimento Sustentável*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9177-3663>

E-mail: [renatamarafon27@gmail.com](mailto:renatamarafon27@gmail.com)

**Roberto Miyashiro Junior**

*Mestrando em Direito e Desenvolvimento Sustentável pelo Centro Universitário Unifacvest*

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8358-6814>

E-mail: [robertojunior86@gmail.com](mailto:robertojunior86@gmail.com)

**Priscila Elise Alves Vasconcelos**

*Pós-Doutora em Direito das Cidades (UERJ), Professora Adjunta da Universidade Federal de Roraima*

<http://lattes.cnpq.br/6228292800964118>

E-mail: [privascon@gmail.com](mailto:privascon@gmail.com)

---

Instagram & Twitter | @HomaPublicaDHE

[periodicos.ufjf.br/index.php/homa/](http://periodicos.ufjf.br/index.php/homa/)